

FOTOS: MILA PETRILLO



Entre apertos de mãos e discursos, além de cartazes ao lado dos preços, os freqüentadores da feira conviveram com uma clientela diferente

Candidato faz a feira no Guará

Fregueses acabaram brindados com sorrisos, santinhos e panfletos

ROBERTO PENTEADO
Da Editoria de Economia

A Feira do Guará recebeu ontem uma dezena de fregueses ilustres, que não queriam comprar ou vender roupas, frutas e legumes. Queriam apenas apertar mãos, distribuir sorrisos, panfletos e conversar fiado, por todos os lugares que passavam: eram os políticos de Brasília, na busca do eleitor e do voto, onde ele esteja.

A feira é um local ideal para isso pois concentra, nos sábados de manhã, de oito a dez mil brasilienses, além de reunir nos bares e lanchonetes distribuídas nas laterais uma fiel clientela local.

Dentre os partidos do DF, o PFL era o mais atuante, com cinco candidatos à Câmara — Maria de Lourdes Abadia, Geraldo Maciel, Waldir Campelo, José Paulino, Esaú de Carvalho —, um ao Senado, Clarindo Rocha, e mais um ativo cabo eleitoral, Luís Gozaga da Silva, que com seu megafone e chapéu de nordestino pedia votos para Osório Adriano.

Do PMDB estavam Marco Aurélio Campanella e Zamor Magalhães, com suas kombis de som, mas havia ainda Benício, do PDT, desfilando em sua cadeira de rodas escoltado por um boneco de tamanho natural colocado numa outra cadeira, Januzi, do PSB, e Amauri Barros, do PT.

Os estilos de campanha variam de candidato para candidato. Campanella (PMDB) encostou sua kombi de som próximo a uma lanchonete, subiu na sua mesa de madeira munido de um microfone e improvisou um comício. Seu tema predileto são as multinacionais que ele acusa de pilharem o País, promovendo sabotagens, subornos, dumpings e corrupção, e provocando ainda a quebra da indústria nacional, o desemprego e a miséria.

Enquanto falava, seus ajudantes distribuíam um jornal de campanha reproduzindo, em oito páginas, o ideário do candidato e sua biografia. Não conseguiu reunir muita gente.

Esaú (PFL) vestiu toda sua família com camisetas e eles distribuíam panfletos e portavam cartazes, enquanto o candidato ia de barraca em barraca pedindo votos.

Clarindo Rocha e Geraldo Maciel (PFL), assim como José Paulino (PFL), também preferiram o trabalho corpo a corpo. Paravam em cada mesa, e apresentavam-se e procuravam, durante uma conversa de pé-de-ouvido, ganhar o voto. Paulino portava uma calça de tergal e uma camisa social. Clarindo e Maciel estavam de roupas esporte. Maciel tinha carro de som e um exército de ajudantes para panfletagem, alguns deles, especialmente os que ficavam sempre a seu lado, bastante fortes.

Os mais conhecidos, como Waldir Campelo e Maria de Lourdes Abadia, não precisavam de apresentação. Maria de Lourdes ia de barraca em barraca, sempre bem recebida.

Na conversa com os eleitores, Maria de Lourdes citava a Ceilândia, “meu ponto de referência, meu desafio maior e meu atestado de luta meus compromissos com Brasília, com seu povo, com os novos tempos, com as novas idéias, co a paz, com você e com a justiça social” — terminando sempre com o invariável “preciso de seu voto”. Enquanto falava, a candidata ia pregando nos que a ouviam seu adesivo. Depois de emplacar todos, ela se despidia e abordava outro grupo.

Muitas barracas traziam cartazes de candidatos. Dentre eles, o mais freqüente era de Francisco Brandes, do PFL. Feirantes e eleitores, no entanto, anotavam atentamente o desempenho de cada candidato e faziam suas queixas. A mais freqüente, afirma José Paulino, suplantando a falta de produtos e o ágio, é a moradia, segundo ele, o problema mais grave do Distrito Federal e o mais difícil de resolver.

Depois da conversa e dos sorrisos, o comentário: “Tem mais candidato do que freguês”. Era só impressão, pois eles eram apenas uma dezena, mas muito ativos.